

OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE**Só há dois tipos de pessoas:
as que sim, e as que também...****António João Maia**

“Só há dois tipos de pessoas: as que sim, e as que também...” é a forma como uma amiga costuma resumir as duas categorias em que, segundo ela, se pode catalogar o perfil evidenciado pelas pessoas.

As pessoas “que sim”, como ela própria refere, são as que evidenciam, acima de tudo, sinais de serem merecedoras de elevada confiança – incluí neste grupo os amigos, alguns familiares e colegas de trabalho. Quanto às pessoas que caracteriza como “as que também”, refere serem aquelas relativamente às quais, por razões mais ou menos claras, por vezes decorrentes de situações vividas, sente menos afinidade ou que evidenciam sinais de merecerem menos confiança.

Apesar de demasiado simplista – o mundo dos homens não será assim tão dicotómico – confesso que sempre considerei esta segmentação interessante e curiosa. Por isso decidi trazê-la aqui para partilhar algumas reflexões que possam fazer-se relativamente às relações que as pessoas estabelecem umas com as outras.

Em primeiro lugar julgo poder aceitar-se como válida a percepção de que, nesta categorização, cada sujeito se considera e avalia a si próprio como uma pessoa sim – apesar de termos maiores ou menores índices de autoconfiança e de estarmos mais ou menos conscientes disso, sabemos, sobretudo pela nossa experiência de vida, quais são as nossas potencialidades e vulnerabilidades e aprendemos a dominar minimamente os efeitos resultantes desses limites. Nessa medida – e também por uma questão de sobrevivência do ego – confiamos, ainda que por vezes de modo inconsciente, em nós próprios. Por outras palavras, se avaliássemos uma comunidade a partir da auto-avaliação dos sujeitos, provavelmente iríamos encontrar apenas e só pessoas que sim.

Todavia não vivemos isoladamente. Somos seres gregários e, nessa medida, relacionamo-nos uns com os outros. No contexto destas relações, desenvolvemos laços que compreendem, de entre outros aspectos, a construção de uma certa imagem do outro. E é precisamente neste âmbito que se desenvolve a segmentação de que fala a minha amiga. É no relacionamento com o outro que cada sujeito tem a oportunidade de fazer uma avaliação e catalogação dos sinais que colhe. Se esses sinais induzem e reforçam a confiança, provavelmente a avaliação faz-se no sentido de se tratar de uma pessoa que sim – “Este tipo parece fixe. Gosto do modo simples como se apresenta e fala das questões. Não tem manias de superioridade”. Porém, se os sinais colhidos vão em sentido oposto, nomeadamente se não potenciam a confiança, o sujeito será provavelmente catalogado como uma pessoa que também – “Não gosto deste indivíduo. Está sempre com uma pose altiva. Julga-se dono do mundo”.

E neste jogo de percepções, que está mais próximo da ilusão do que de uma

realidade propriamente dita, pode gerar-se – e gera-se! – todo um leque de situações distintas: as relações de confiança sinceras e fortes, em que cada sujeito não tem dúvida de que o outro é uma pessoa que sim; as situações em que nenhum dos sujeitos confia no outro, ou seja em que ambos consideram o outro como pessoa que também; e os casos em que apenas um dos sujeitos confia no outro e portanto não há reciprocidade de confiança.

E neste contexto olhamos para o autor da fraude. É que ele tende a ser o sujeito que, de modo estratégico, por vezes com grande frieza e astúcia, selecciona e analisa previamente as suas vítimas, junto das quais emite sinais (erróneos) capazes de induzir os índices de confiança necessários para a concretização do seu plano fraudulento.

*Antropólogo, Mestre em Sociologia
Escreve à sexta-feira*

**A percepção por vezes ilusória que as pessoas têm de si mesmas****SESSÕES CONTÍNUAS****LAURO
ANTÓNIO*****Ai aguenta, aguenta!***

Tenho de reconhecer que o povo português, na sua maioria, é extremamente resistente. Não falo só de cortes nos vencimentos e nas pensões, e de aumentos nos impostos e nas rendas de casa. Falo de tudo o resto. Falo da arenga diária dos políticos (na sua grande maioria), falo das peixeiradas dos programas de comentário futebolístico, falo dos programas de televisão que ocupam manhãs e tardes de semana e falo, sobretudo, daquelas inenarráveis transmissões de festas populares aos fins de semana nos três canais generalistas. Falo ainda dos concursos que misturam boxe e cantorias. Enfim, falo do espírito (melhor dizendo da total ausência de espírito) que preside à escolha, concepção e divulgação deste tipo de televisão, e de como a suportar sem cair na mais terrível das depressões, ou mesmo no pendor suicida. Tenho alguma vantagem. Não vejo muita televisão. Mas vejo alguma e gosto de estar a par do que se passa. Detesto aquelas pessoas que dizem que nunca viram a casa dos segredos e depois atacam com conhecimento de causa cada segredo. Ou as que dizem mal de tudo e nunca viram nada. Eu vejo pouco, mas vejo. Vejo telejornais, vejo a Sic Noticias, vejo jogos de futebol (os jogos, raramente os comentadores!), vejo um ou outro canal da box, mas vejo um bocadinho de tudo o resto. Por vezes sou obrigado, quando vou almoçar a um restaurante com TV.

O que mais me custa, neste momento, em que parece que não há casas nem big brothers, são as tardes de sábado e domingo, ocupadas com uns senhores aos gritos, uns a oferecerem milhares de euros, é só telefonar!, outros a imaginar que cantam, com uns moçoilas bem encorpadas a dar ao rabo lá atrás. A única coisa que consigo é ter uma infinita pena de toda aquela que gente que tem de fazer aquilo para ganhar a vida.

Depois, ainda ao fim de semana, há os programas de cantoria, “descoberta de talentos”, que me causam uma angústia tremenda. Até poderia ser interessante “descobrir talentos”. Mas colocá-los a cantas num ringue de boxe, um candidato contra o outro, é do mais baixo que se pode imaginar. É esta a lição da competitividade, do empreendedorismo que se quer dar à nossa juventude? Matar o outro para vencer? Esta gente não percebe que só há uma competição que vale a pena? É conosco próprio: fazer cada vez melhor, ser cada vez melhor.

Isto não é só em Portugal. É um pouco por todo o lado. Nós só copiamos.

Escreve à sexta-feira